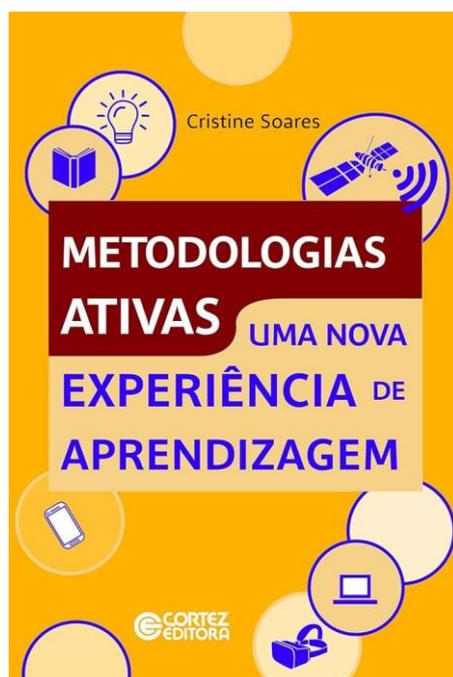


Resenha do livro
“Metodologias ativas: uma nova experiência de
aprendizagem”



SOARES, Cristine. **Metodologias ativas: uma nova experiência de aprendizagem.** – 1. ed. – São Paulo: Cortez, 2021.

Taniele de Sousa Pereira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB –
Vitória da Conquista/BA – Brasil
tannyl.sousa@gmail.com

Para citar esta resenha:

PEREIRA, Taniele de Sousa. Resenha do livro “Metodologias ativas: uma nova experiência de aprendizagem”. **Revista Linhas.** Florianópolis, v. 25, n. 57, p. 312-317, jan./abr. 2024.

DOI: 10.5965/1984723825572024312
<http://dx.doi.org/10.5965/1984723825572024312>

O livro *Metodologias ativas: uma nova experiência de aprendizagem*, de Cristine Soares, apresenta reflexões acerca de diferentes experiências possíveis de se fazer educação. Motivada por inquições que a incomodavam desde o ensino fundamental, a autora escreve essa obra a partir de sua experiência como estudante, docente e gestora. O livro publicado, em 2021, pela editora Cortez, é composto por dez capítulos, sendo que em cada um deles são apresentados e discutidos aspectos das metodologias ativas como possibilidades de desenvolvimento cognitivos, afetivos, emocionais, sociais e culturais.

Nos três primeiros capítulos são destacados a história da Educação de forma sintetizada, o papel da escola na sociedade pós-moderna e a perspectiva da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como documento norteador de atualizações pedagógicas na escola. A autora inicia a obra provocando reflexões aos leitores e educadores acerca das diferentes experiências de fazer educação anunciadas desde as pedagogias progressistas, citando as contribuições de diversos autores como Rousseau (2004), Dewey (1958), Pestalozzi (2012), dentre outros, que já anunciavam em suas épocas, o repensar pedagógico considerando o processo de criatividade das crianças, ou seja, o foco do estudante no seu desenvolvimento autônomo de aprendizagem e a importância de sua capacidade em questionar e reconstruir o conhecimento. O papel da escola nesse processo histórico tende a ser repensado e transformado elucubrando que, ao passar do tempo, a sociedade se transforma e os estudantes que chegam ao espaço escolar não são os mesmos de antes. Refletir sobre como fazer educação na prática docente denota um importante dinamismo de compreensão do papel da escola na sociedade em que está inserida.

Nesse interim, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) se apresenta como proposta para repensar os currículos e didáticas das escolas. Apesar de ser prevista desde a Constituição de 1988 e das diversas controvérsias sobre o documento instituído oficialmente em 2015, Soares (2021) defende que a BNCC permite dialogar com as práticas pedagógicas da escola provocando reflexões sobre as ações pedagógicas em cada contexto escolar. Nesse sentido, a BNCC corrobora no repensar pedagógico em um momento de mudanças cruciais para a Educação. Dentre as premissas da BNCC, encontra-se o desenvolvimento de habilidades que inserem o estudante no centro do processo de

aprendizagem, explorando novas ferramentas digitais que permitem conhecer diversos meios de comunicação e ambientes.

No quarto capítulo, a autora chama a atenção sobre as inovações tecnológicas e as perspectivas da escola nesse cenário. Cada vez mais, estamos imersos no mundo digital e nesse sentido, é relevante aprender sobre o pensamento computacional e suas relações com o mundo virtual e presencial. As informações chegam em uma velocidade cada vez mais rápida e a escola se encontra em um momento desafiador para atender as necessidades educacionais do próprio sistema e dos estudantes, visto que a sociedade exige novas formas de interação, seja em sala de aula, seja nos âmbitos sociais, familiares e profissionais. Tema de discussões em diversos setores, a autora defende a Inteligência Artificial (IA) como grande potencial na educação, pois a IA tem se mostrado capaz de promover interação entre a máquina e os seres humanos, o que possibilita aprendizagens, metodologias e experiências que melhorem o aprendizado dos estudantes e as práticas dos professores. É pertinente pensar nas múltiplas formas de ensinar provocando nos estudantes uma posição ativa, colaborativa, participativa, crítica e dialógica. Para isso, repensar os currículos, abordagens, metodologias e didáticas propende um dos caminhos possíveis de fazer educação, em concordância com Dewey, uma educação em que a verdadeira aprendizagem seja por meio da ação ativa e participativa do estudante.

Destacam-se, no capítulo cinco, as abordagens em metodologias ativas possíveis de serem inseridas e internacionalizadas nas escolas, no intuito de potencializar as concepções pedagógicas de forma prática e reflexiva. A autora conceitua Didática à luz de Libâneo (1994), que defende o ensino e a aprendizagem como vínculo estabelecido entre si para o desenvolvimento mental dos estudantes, refletindo sobre o papel da escola no contexto desse século. As metodologias ativas já anunciadas por autores no século passado fomentam a produção de conhecimento com perspectivas didáticas que inserem o estudante no processo de ensino e aprendizagem de forma ativa, dialógica, conectada, participativa e colaborativa, evidenciando o papel da escola com ações baseadas nas necessidades pedagógicas e na realidade do estudante.

Nesse capítulo, Soares (2021) ainda apresenta diversas possibilidades de metodologias ativas caracterizando-as de forma provocativa e explicativa, inferindo como

perspectivas de serem desenvolvidas e aplicadas nos mais diversos contextos escolares desde que haja um bom planejamento. A autora pontua por exemplo: ensino híbrido; sala de aula invertida; gamificação; aprendizagens baseadas em projetos etc. Todas elas propõem uma didática integral, estimulando um conhecimento adquirido por meio de pesquisas e da atuação dos estudantes em uma relação dialógica entre teoria e prática.

Retomando a BNCC, as metodologias ativas tornam a aprendizagem com foco no desenvolvimento de habilidades e competências, alcançando, portanto, novas perspectivas e estimulando o pensamento criativo, lógico e crítico dos estudantes. De acordo com Soares (2021, p. 73), “A essência das metodologias ativas diz respeito ao protagonismo dos alunos, à escola participativa e colaborativa, em que se manifestam as condições para que estes se desenvolvam de forma integral.” Em outras palavras, Dewey (1948) diria que metodologias ativas promovem “evolução” e “mudança”.

Como qualquer metodologia planejada e realizada, a avaliação faz parte desse processo. Dessa forma, o processo avaliativo em metodologias ativas destacado no capítulo seis mostra a importância de considerar o avaliar durante todo o processo de desenvolvimento de uma ação metodológica. Nas metodologias ativas, a avaliação considera todo dinamismo envolvido na construção das aprendizagens. Os objetivos que os professores pretendem atingir em seu planejamento devem perpassar durante o desenvolvimento da ação que se propõe. Nesse sentido, o avaliar não é um ato final e sim um ato processual que deve considerar a interação, a participação, o comprometimento, os pontos a serem melhorados, a evolução do aprendizado dos estudantes, dentre outros fatores. Nessa perspectiva, a avaliação considera a sondagem, quando ela é diagnóstica; a formativa, quando é processual e; formal, quando é integradora, logo, “deve ser formativa, qualitativa e processual” (SOARES, 2021, p. 103).

A partir do sétimo capítulo da obra, a autora nos faz pensar nas possibilidades e estímulos de inovar no espaço escolar a partir da própria escola. A pluralidade dos estudantes desafia a escola a oferecer cada vez mais subsídios e caminhos que atendam as necessidades pedagógicas e as demandas de uma sociedade inserida em um turbilhão de transformações e informações de diversas áreas. As diferentes estratégias para abordar determinado conteúdo são um dos caminhos apontado pela autora. Para isso, a equipe pedagógica composta por “agentes transformadores”, ao aceitar o desafio de inovar o

ensino e sua própria prática, amplia a visão de mundo dos estudantes, trabalha a formação integralmente e reflete sobre a própria prática frente à sociedade em seus aspectos sociais, emocionais, entre outros que são tão importantes quanto o cognitivo e intelectual.

Como caminhos possíveis para a inovação, destaca-se a pluralidade, ou seja, que a escola ofereça aos estudantes subsídios de acesso ao conhecimento em diversas áreas, já que é importante ressaltar a individualidade deles nas maneiras, ritmos e níveis diferentes no processo de aprender. É válido considerar que nem sempre todas as estratégias darão certo, no entanto, arriscar e permitir novas ideias em um mundo de transformações constantes, que se refletem na sala de aula, é um dos primeiros passos para alcançar uma educação integral e permanentemente inovadora.

Os dois últimos capítulos destacam a importância de a educação ser ressignificada a partir da sua realidade. É desafiador, mas é necessário, visto que as mudanças estão acontecendo independente de a escola se mobilizar ou não. Despertar no estudante o querer aprender é para a autora o grande segredo, visto que quando o conteúdo faz sentido a aprendizagem torna-se interessante e acontece naturalmente. Porém, é importante a escola reconhecer o seu propósito na promoção do desenvolvimento do conhecimento, exercendo o diálogo entre os agentes internos e externos, em busca da construção de um projeto que ressignifique a educação, assumindo assim, a postura de arriscar e encorajar docentes e discentes a novas metodologias que promovam participação, reflexão, pesquisa e diálogo entre os pares.

Para Soares (2021, p. 135), “não há certo ou errado” nesse processo, o que há é acreditar que a “educação merece ser repensada” para que seja garantida “uma atualização pedagógica necessária para o contexto dessa geração. Para isso, todas as abordagens pedagógicas precisam andar conectadas e não isoladas; todas elas têm sua relevância e uma não anula a outra, se complementam. Há diversas formas de o aluno aprender e, nesse sentido, as metodologias ativas contribuem para romper com o preconceito de haver uma única forma, pois mostram as diversas possibilidades de aprendizagens sem minimizar e/ou eliminar o conhecimento teórico; para além disso, partem do contexto dos estudantes, conectam temas de forma interdisciplinar, resultam

em construção coletiva do conhecimento conectando a outros saberes e ampliam a capacidade argumentativa de pensar, refletir e evoluir.

A autora finaliza a obra chamando à responsabilidade os sujeitos que compõem a escola a quebrarem paradigmas e resistências ressaltando que a intencionalidade pedagógica transforma e promove diferentes experiências de aprendizagem. Soares (2021) provoca professores, estudantes, gestores e leitores a refletirem sobre a intencionalidade pedagógica, sobre as possibilidades de como reinventar a sala de aula e sobre o comprometimento de os educadores assumirem as responsabilidades da profissão diante das transformações da sociedade sem, contudo, perder a persistência, a criatividade e a esperança de fazer uma educação que contribua com a formação integradora e transformadora.

Referências

DEWEY, John. **Reconstruction in philosophy**. New York: Dove Publications, 1948.

SOARES, Cristine. **Metodologias ativas: uma nova experiência de aprendizagem**. – 1. ed. – São Paulo: Cortez, 2021.

Recebido em: 22/09/2023

Aprovado em: 29/10/2023

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

Revista Linhas

Volume 25 - Número 57 - Ano 2024

revistalinhas@gmail.com